

CAMINHOS PERCORRIDOS 2

Os humanos sabem que fazem a história, mas não sabem a história que fazem.

1/5

O ano de 1978 foi palco de acontecimentos de grande repercussão.

No mundo religioso/cristão foram dois meses de pranto, comoção e expectativa: em 6 de agosto, morreu o Papa Paulo VI, após 15 anos de pontificado; em 26 de agosto, o cardeal italiano Albino Luciani se tornou o Papa João Paulo I, mas faleceu um mês depois; em 16 de outubro, o polonês Karol Wojtyła se tornou o Papa João Paulo II.

A comunidade científica internacional anunciou o nascimento do primeiro bebê de proveta, Louise Brown, nascida na Inglaterra.

No esporte, a Argentina sediou e conquistou sua primeira Copa do Mundo de futebol.

No Brasil, ganhou força a chamada Abertura Política: o então presidente Ernesto Geisel encaminhou ao Congresso uma proposta de emenda à Constituição visando extinguir o AI 5; foi criado o CBA-Comitê Brasileiro pela Anistia, formado por advogados, parentes e amigos de presos políticos do Regime Militar, que pugnava pela Anistia ampla, geral e irrestrita para os presos e perseguidos políticos, cujo projeto foi convertido um ano depois na Lei da Anistia - nº 6.683/79. Morreu Orlando Silva, o "cantor das multidões". Foi ao ar a telenovela Dancin' Days, do autor Gilberto Braga, que inaugurou a discussão dos valores da classe média e das elites urbanas, abrilhantada por um elenco de verdadeiras estrelas da dramaturgia, batendo todos os recordes de audiência. O Guarani, de Campinas/SP, sagrou-se campeão brasileiro de futebol.

Naquela conjuntura, ainda com resquícios dos verdores da mocidade, já sobrevoando o espaço aéreo brasileiro, não conseguindo contar as estrelas, pus-me a refletir sobre a acolhida que tive dos franceses naqueles tempos de infortúnio.

Paris me deu abrigo e trabalho.

Na histórica cidade de Dijon - Universidade da Borgonha, "*alma mater*" -, adquiri a base intelectual necessária para uma nova compreensão global do ponto de vista fenomenológico, hermenêutico e ontológico. Quanta luz, quanta consciência, quantas verdades emergiram daquelas águas, quantas lições aprendi ali. Aprendi, **verbi gratia**, que mais urgentes do que as reformas políticas e econômicas são a lapidação do caráter, a consciência ética e a consciência universalista.

Minha eterna gratidão!

Mas amo o Brasil. Aqui é o meu lugar!

Com esse sentimento, desembarque no Rio de Janeiro na aurora de 28 de setembro daquele ano, onde fui recebido calorosamente por bravos companheiros de lutas que me ofertaram um buquê com 50 viçosas rosas vermelhas ao som do Hino Nacional, enquanto seguravam cartazes onde se lia: - "Jorge Freitas, você nos representa!" - "Jorge, seguiremos juntos!" - "Jorge Freitas, onde você estiver, lá estaremos!" - "Jorge, você é a voz que nós temos!"

Por um instante, me senti gente.

Tomado por forte emoção, não me contive e balbuciei rápidas palavras àqueles patricios solidários.



— Eis-me aqui, bravos consortes!
Voltei para retomar a luta pela democracia.
Por onde andei, não aprendi a construir muros.
Aprendi a construir pontes!
Pontes que nos conduzam à democracia, à paz e à justiça social!
Este é o meu sonho!
Dou tudo de mim por meu sonho!
Vamos à luta!
Viva o Brasil!!

Bastaram aquelas ingênuas palavras para recomeçar meu tormento.

Dei alguns passos e ali mesmo, no aeroporto, fui novamente preso e conduzido ao DOPS, onde cheguei escoltado, algemado, segurando nas mãos o lindo buquê de rosas vermelhas, acusado de subverter a ordem pública.

Rotularam-me então de subversivo.

Jamais fui subversivo!

Sempre considerei que a ordem pública é um imperativo da paz e da harmonia social.

Mas assistir passivamente a truculência de tiranos contra a nação indefesa, jamais!

"Com tiranos não combinam brasileiros corações".

Aliás, ao lembrar de mais essa infâmia, penso em Sócrates que não abriu mão de suas convicções filosóficas nem mesmo para salvar a própria vida.

"Navegar é preciso, viver não é preciso".

Felizmente, quinze dias depois, graças a uma ordem de habeas corpus impetrado por um advogado amigo, fui liberado mediante uma lista interminável de advertências e ameaças.

Saí do cárcere levando comigo as rosas vermelhas, ainda que elas já estivessem sem vida.

Naquele 13 de outubro o policiamento nas ruas era ostensivo. Creio que por isso não havia ninguém à minha espera.

Caminhei sozinho, sem destino, portando tão somente o que restou das rosas vermelhas, até encontrar abrigo.

Contornadas as dificuldades imediatas, em 1º de novembro, Dia de Todos os Santos, sob a proteção do Grande Arquiteto do Universo, estava finalmente em Salvador, meu aconchego.

Já no dia seguinte, pelas mãos do saudoso líder dos autênticos, deputado federal Chico Pinto - a voz trovejante que arrostou o Regime Militar -, cheguei à histórica sede do MDB, no Campo Grande, palco de memoráveis embates.

Instado a falar, improvisei a seguinte alocução que ainda preservo na mente:

Sr. Presidente, Srs. Conselheiros, Sras. e Srs., minha juventude querida.

Hoje retorno a esta Casa com o animus e a determinação de quem voltou para juntar pedaços.

Não o faço, Sr. Presidente, movido pelo sentimento mesquinho do ódio ou do revanchismo.

Faço-o, sim, por amor à liberdade, por devoção ao meu País.

Faço-o, porque acredito na democracia como o regime que assegura respeito aos princípios que protegem a liberdade humana e orienta os governos para que cumpram a vontade da maioria da população.



Faço-o também porque acredito na democracia como o regime que possibilita a participação efetiva de todos os segmentos da sociedade na marcha rumo ao progresso e ao desenvolvimento das nações.

Trago na bagagem a convicção inabalável de que a democracia é o melhor dos regimes. É um bem de valor inestimável. Só quem a perde, sabe.

Pela democracia me tornei indomável. Não arredarei o pé enquanto não a tivermos de volta.

Se o suor, as lágrimas e o sangue que já derramei não foram suficientes, pela democracia, farei tudo outra vez.

Se tudo isso não bastar, Sr. Presidente, pelo Brasil democrático, darei a própria vida!

Minhas Senhoras, meus Senhores, juventude linda, estamos fazendo a história. Nossa responsabilidade é oceânica!

"Navegar é preciso, viver não é Preciso".

Viva o Brasil!!

Muito obrigado!

A mocidade é o tempo das ilusões. A mocidade dos poetas, ainda mais.

Ao começar o ano de 1979 eu estava refeito e esperançoso.

Visando obter equilíbrio emocional para melhor desempenhar o múnus revolucionário, matriculei-me na academia de karatê, dedicando-me com afinco à disciplina do corpo e da mente. Influenciado pelas ideias universalistas de Zamenhof, matriculei-me também no curso de Esperanto. Nas poucas horas vagas, ouvia belos cantos gregorianos - tais como Adoro te Devote, Salve Regina e Attende Domine, todos na interpretação magistral de Juliano Ravello - e estudava filosofia pura sob a orientação do abade Dom Timóteo Anastácio, no Mosteiro de São Bento.

Mas aquele mar de aparente calma durou pouco.

Logo, logo, chegaram as águas tempestuosas.

Era fim de fevereiro, primeiro dia de carnaval, quando fui sequestrado ao sair de casa.

Os sequestradores eram quatro homens truculentos que diziam estar a serviço de um chefe, cuja identidade jamais conheci. Diziam também que o chefe chegaria a qualquer momento para me eliminar pessoalmente.

O cativo era numa mata densa, onde permaneci por três dias, amarrado a uma árvore, amordaçado, olhos vendados, sob muita chuva, sem comer, sem beber.
Foram três dias de provação.

No desfecho, aproveitando um descuido dos meus algozes, consegui empreender fuga, ao tempo que fui alvejado por dois tiros, cujas balas remanescem cravadas na alma.
O estrago foi grande.
Aquela foi a prova mais contundente de que eu incomodava o Regime.

Nos quinze meses seguintes lutei obstinadamente para recuperar o corpo e a alma.
Fui até o limite das minhas forças.

Sobrevivi!

Jorge Freitas, cronista.



Jorge Freitas
in Prosas & Reflexões
ilustração e formatação: Leticia Moreira

Inverno/2022.